

O DIA D DE ACM

Contradições e mentiras

ACM nega o que tinha dito, admite conversa com ex-diretora e confessa que leu a lista

Adriana Vasconcelos, Ana Paula Macedo e José Augusto Gayoso

BRASÍLIA

Num dos dias mais difíceis de seus quase 50 anos de vida pública, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) se dobrou ao peso dos fatos. Logo no início de seu depoimento ontem ao Conselho de Ética, que parou Brasília e Salvador, teve de admitir quase tudo o que vinha negando até então: recebeu, leu e destruiu a lista da votação que casou o senador Luiz Estevão (PMDB-DF); ligou para a ex-diretora do Prodasen Regina Célia Borges para tranquilizá-la sobre a violação; e discutiu o assunto com ela depois na casa de sua assessora Isabel Flecha de Lima. Todo o tempo manteve a tranquilidade e não se humilhou, mas não escondeu a impaciência em alguns momentos.

Ao fim de quase seis horas, ficou claro que Antonio Carlos não conseguiu escapar do processo de cassação. Seus aliados já afirmavam, porém, que ele está mais próximo da renúncia do que da cassação.

Acusado por vários senadores de prevaricação, Antonio Carlos alegou razões de Estado para as versões contraditórias que apresentou desde que se levantaram as primeiras suspeitas de violação do painel eletrônico. Ao ser alertado pelo senador Antero Paes Barros (PSDB-MT) de que poderia ser enquadrado no artigo 320 do Código Penal por não ter punido a ex-diretora do Prodasen, e mais tarde pelo senador Eduardo Suplicy (PT-

SP), de que poderia ser condenado até cinco anos de prisão por ter destruído um documento oficial, Antonio Carlos recebeu um bilhete de seus advogados e respondeu:

— Agi por razões de Estado. A lista que chegou as minhas mãos não tinha timbre oficial, nem nada que caracterizasse que era a verdadeira. Acho que assim não terei esses cinco anos de reclusão.

ACM poupa FH em seu depoimento

• Em vez de envolver o presidente Fernando Henrique Cardoso, como temia o Planalto, Antonio Carlos disse que não poderia atacá-lo pessoalmente e que nunca recebeu qualquer pedido imoral. Mas reclamou da forma injusta como estaria sendo tratado por Fernando Henrique nesse momento difícil. Interlocutores do senador baiano, porém, adiantaram que, se Antonio Carlos for cassado, o presidente deverá começar a se preocupar, porque também poderia enfrentar um processo de impeachment.

— Não posso dizer que comigo ele (Fernando Henrique) tem sido justo. Não tem, mas mesmo sendo injusto, não posso macular a sua honra. Estou pagando um preço pela minha independência — disse.

Antonio Carlos enfrentou quase seis horas de embate duro, mas ao fim da sessão a maior parte dos integrantes do Conselho de Ética saiu convencida de que ele dificilmente escapará da cassação. O relator do

processo de investigação, Roberto Saturnino Braga (PSB-RJ), mostrou ponto a ponto as principais contradições de Antonio Carlos em seus pronunciamentos e a complacência com que ele teria encarado a violação do painel eletrônico.

— Vi imagens do senhor enfaticamente negando ter conhecimento da lista. Essas contradições no âmbito do Senado prejudicam a credibilidade de seu depoimento. O senhor disse que Arruda usou seu nome indevidamente, e até ousadamente, mas fica difícil acreditar que o senhor não tinha conhecimento de que ele tinha feito o pedido à ex-diretora do Prodasen diante de fatos e indícios como, por exemplo, o de a lista ter ficado com o senhor — disse Saturnino, acrescentando:

— Sua reação diante da violação não condiz com seu estilo. Não teria sido o caso de demitir dona Regina, sem revelar o motivo, ou de advertir duramente o senador Arruda?

Aliados de Antonio Carlos, como o senador Paulo Souto (PFL-BA) saíram em sua defesa.

— Foi a melhor opção que ele tinha. Ao dizer que não havia lista, ele estava defendendo a instituição Senado — afirmou Souto.

Por diversas vezes, Antonio Carlos

repetiu que só não tomou providências na época para não arranhar a imagem do Senado ou pôr em dúvida o processo de cassação de Estevão.

— Se errei, errei para evitar um mal maior para o Senado — salientou o senador baiano.

A tensão que tomou contou da maior parte do depoimento só foi quebrada uma vez, quando Eduardo Suplicy (PT-SP) ressaltou a grande audiência que Antonio Carlos estaria tendo naquele momento.

— O senhor está batendo recorde de audiência, batendo até a novela "Um anjo caiu do céu", em que meu filho Supla vai aparecer hoje — afirmou Suplicy, arrancando gargalhadas da platéia.

Tebet quer fazer uma acareação

• No fim do depoimento, o presidente do Conselho de Ética, senador Ramez Tebet (PMDB-MS), admitiu que será necessária a realização de uma acareação entre Antonio Carlos, Arruda e Regina Borges, devido às divergências nas várias versões apresentadas. Hoje o Conselho deverá

ouvir Arruda a partir das 9h. A situação do ex-líder do governo piorou ontem com o depoimento de Antonio Carlos, que atribui a responsabilidade pela violação do painel.

Entre os pontos mais questionados do depoimento está a complacência com que recebeu a notícia da violação do painel, sem questionar os comportamentos de Arruda ou da ex-diretora do Prodasen, sendo que, em pelo menos duas ocasiões anteriores, tinha sido duro com ela ao descobrir que fizera contratações consideradas irregulares.

Antonio Carlos teve dificuldades para explicar a conversa de 34 segundos que teria tido pelo telefone com Regina na noite da cassação de Estevão, logo depois de ter recebido a lista da votação das mãos de Arruda. Disse que a ligação tinha sido feita por uma de suas secretárias, Flávia Badaró, a pedido de Arruda, mas nega que tenha agradecido a ex-diretora do Prodasen.

— Não agradei a lista, apenas a tranquilizei dizendo que a falha dela seria entendida de certo modo pela Mesa. Não a demiti porque não queria deixá-la no rio da amargura sem saber os motivos que a levaram a fazer aquilo — explicou.

Ao final, ele se disse satisfeito. E entregou seu destino ao conselho.

— É óbvio que ele é que decide. Fiz um depoimento verdadeiro.

Gustavo Miranda

Perguntas sem respostas

1. Por que só admitiu ter tido acesso à lista de votos depois do laudo taxativo da Unicamp e de Regina Borges e José Roberto Arruda afirmarem que a relação tinha sido entregue a ele?

2. Se não pediu a lista, por que a recebeu, leu, conferiu os votos e ficou com ela?

3. Por que não reprimiu Arruda imediatamente?

4. Por que não tomou qualquer providência sobre o risco de violação do painel na medida que admite ter conversado com o senador antes da votação sobre essa preocupação?

5. Por que, ao receber a lista, sabendo tratar-se de um crime, telefonou para Regina Borges e não

a repreendeu, procurando apenas acalmá-la, como afirmou ontem?

6. Por que diz que Regina não poderia ter violado o painel sem consultá-lo e, no momento em que podia repreendê-la pelo crime, preferiu acalmá-la?

7. Por que só ontem, depois de um rastreamento nos telefones de seu gabinete confirmar uma ligação de 34 segundos para a casa da ex-diretora do Prodasen, admitiu o telefonema para Regina?

8. Por que não revelou o assunto da conversa que teve com Regina no apartamento da assessora Isabel Flecha de Lima? Por que negou ter tratado da violação do painel nesse encontro e só ontem admitiu ter falado "de raspão sobre isso"?

ACM DEPÔE durante quase seis horas, enfrentando questionamentos sobre sua participação na violação do sigilo. Ao final, disse: "Fiz um depoimento verdadeiro"

